

Uma interlocução possível: Abelaira e Blanchot

Adriene Costa de Oliveira Coimbra

Resumo: O presente artigo pretende abordar, a partir de uma análise, apesar de sucinta, de um possível diálogo entre as obras *O Espaço Literário*, do teórico Maurice Blanchot e a narrativa *Outrora Agora*, do escritor português Augusto Abelaira. Ambos tentam, tanto à luz da teoria literária quanto pela própria narrativa ficcional, evidenciar o homem da contemporaneidade, que busca, incansavelmente, na “Solidão Essencial” o “Outrora Agora”. Por meio dessa possibilidade de interlocução, tentamos compreender como os dois autores, mesmo que em espaços distintos, conseguiram captar com a eficiência de linguagem a vida do ser humano fluido, lacunar, irremediavelmente vazio de identidade e assujeitado por essa pós-modernidade líquida.

Palavras-chave: sujeito, contemporaneidade, interlocução.

(...) A descida às profundezas de Posêidon, pior, a descida aos infernos. Os ferros, embora corroídos pela ferrugem, continuam a resistir (acabarão nos museus, com muitos japoneses a tirar fotografias), mas eles, os homens reais, não deixaram vestígios, são hoje, afinal, puras deduções, nem sequer restam ossos. (1996, p.10)

Augusto Abelaira, escritor português da contemporaneidade e historicamente marcado pelas transformações por que Portugal passou durante a ditadura salazarista, escreveu um romance dos mais intrigantes *Outrora Agora*, cujo traçado vai se delineando sob o olhar oscilante do leitor que tenta se identificar entre as auguras desse novo tempo que se delineia no percurso das histórias que narra.

Trata-se de uma obra em que se veem retratadas as angústias, as inquietações, as incertezas do homem e da vida da contemporaneidade. Um mundo contemporâneo, marcado pela velocidade das transformações que impactam os mais diversos aspectos da vida humana, é, inevitavelmente, um mundo em que as exigências se tornam cada vez mais prementes.

O contato com os diferentes meios de comunicação, sejam os jornais, rádio, televisão ou internet nos coloca expostos a um conjunto de discursos internacionais sobre os “grandes acontecimentos” ocorridos em nível local, nacional ou internacional. As grandes agências de notícias dão conta de popularizar em rede as informações locais e transformá-las em sentidos planetários. Observa-se um verdadeiro “bombardeio de informações” de maneira quase instantânea.

A circulação de informações em pequenos intervalos de tempo e com abrangência local, nacional e internacional entrelaçada, possivelmente indica o que há de mais concreto na ideia de um “mundo interligado” e interativo. Sendo assim, elucida-se a formação de um espaço que nos últimos anos vem sendo chamado de “global”, pautado principalmente na concepção de consumos globalizados e nos modos de comunicação na chamada “Era da Informação”.

A sociedade constitui-se, então, a chamada “sociedade midiática”, na qual os indivíduos vão substituindo as relações interpessoais pela realidade vivenciada pelas experiências mediadas pelos meios de comunicação de massa. A credibilidade na imagem se faz cada vez mais forte ante à ficcionalidade da cultura contemporânea e aos processos cada vez mais eficientes de ilusão, de simulação e de sedução.

O progresso, proporcionado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, envolvia, por sua vez, a crença na possibilidade de um desenvolvimento contínuo do processo de produção industrial e da acumulação de bens materiais. Tal visão trouxe ao homem a perspectiva de que a humanidade poderia deixar de ser vítima de processos desconhecidos e poderia passar a dominá-los: supunha um progressivo domínio da natureza por parte dos seres humanos e também o abandono de ideias consideradas ultrapassadas que os colocavam fora do domínio de suas próprias vidas; levando o homem a pensar na possibilidade de um domínio total dos processos naturais e, conseqüentemente, conduziria-o à plena satisfação das necessidades humanas fundamentais.

No entanto, a contemporaneidade não contribuiu de forma eficaz na realização dessas necessidades, concebendo a sociedade moderna que se atualiza no momento presente, “fabricando” indivíduos sem identidade, sem valores morais ou éticos, enfim, constituindo um ser fragmentado, dividido pelas auguras de sua infelicidade e insatisfação consigo mesmo.

O resultado desse processo não é outro senão o crescimento contínuo do consumo e do prazer, tornados fins em si mesmos, a fragmentação da vida tornou-se um conjunto de atos sem sentido, e a extrema solidão que persegue o homem, ainda que viva em sociedade, mais veemente.

Vale ressaltar que a lógica dominante e as exigências da ordem social fazem com que a fluidez da vida apareça marcada pela temporalidade linear, pela ênfase no quantitativo em detrimento ao qualitativo, pela marca utilitarista, proposta pela sociedade contemporânea, cujo centro é a eficiência e o esgotamento exaustivo das virtualidades do ser humano.

Em *Outrora Agora*, Abelaira procura retratar o ser humano da inquietude, da fragmentação, dos questionamentos sem respostas, sob a ótica da “modernidade líquida”, como afirma Bauman (2001). O que se percebe também na obra em análise, que nas entrelinhas do texto, o autor é capaz de captar magistralmente a relação emissor e leitor, envolvendo, tanto um como outro, numa trama artilosa e irônica, cujo percurso vai sendo, aos poucos, construído.

Seria intenção premeditada do autor atirar o leitor em um jogo de máscaras e disfarces, escaramuças que a própria escrita projeta ou seria apenas um

jogo irônico para atrair o leitor a repensar criticamente a que condição de vida o homem se viu frente a essas transformações inesperadas do cotidiano da contemporaneidade?

Este jogo que se pretende claro, mas ao mesmo tempo deslizante, nos conduz, leitores desse jogo deslizante, a um emaranhado de impossibilidades, as quais nos leva a um importante papel de leitor: entrar nessa tarefa arriscada em buscar sentido onde o que se nota é um deslizamento ou uma ausência de significados.

No desenrolar das histórias narradas, vemos que Abelaira apresenta esse homem contemporâneo dividido e fragmentado pelas ansiedades e tensões, e, percebemos que a este falta-lhe um legado, uma “herança” dos antepassados. O que se percebe é apenas um mundo em ruínas, um mundo despedaçado, um mundo da impossibilidade, um mundo que “*nem sequer restam ossos*”.

(...) De novo a ironia, com ou sem imagens. Num barco assim (ou assado) afogou-se Shelley, um volume de Sófocles no bolso. Poeta ateu e progressista. Onde parará o livro do Mourois (*Ariel*, deu-lho o pai)? Empréstimos, mudanças de casa (a quem deixar a minha biblioteca, se o Fernando já morreu?). (1996, p.09)

Na obra *Outrora Agora* já o título nos avisa, como que antecipadamente, a que chave de leitura quer conduzir o leitor. Será que os acontecimentos do passado é que se misturam com os de agora ou os de agora que são os do passado? Um enigma. Cabe ao leitor decifrar. E é desta forma paradoxal que se inicia o romance. Dessa forma, o narrador mantém uma estreita relação com o leitor modelo como se quisesse nos inserir na trama ou como a um convite a participar do jogo.

(...) Mas o Jerónimo não deixou Lisboa para ficar sozinho, não procurou um intervalo na rotina quotidiana (pelo menos até sentir de novo a falta dela) ou tinha já a esperança (o desejo) de que acontecesse o que está a acontecer, a recuperação do passado – reviver, desta ou daquela maneira, o já acontecido, embora com outra mulher? Dizer até as mesmas palavras, fazer os mesmos gestos, sentir as mesmas incertezas, mas com outra mulher. E como se fosse a primeira vez (lugar-comum).

A recuperação perfeita: este súbito aparecimento de Cristina, que lhe permitirá viver, quarenta anos depois, o que poderia ter sido, mas não foi, a sua vida – vida suspensa pelo acaso, encontros e desencontros. (1996, p. 33)

Esse trecho nos aponta para um narrador que se coloca diante do leitor de forma enigmática, na tentativa da dissimulação e do fingimento; ao mesmo tempo nos deixa claro o desejo de um jogo entre narrador e seus interlocutores. Um narrador frequentemente em busca de algo, que nunca encontra, pois este algo não está nem cá nem lá; está sempre a deslizar em planos diversos.

A princípio não é possível certificar o caminho que a história irá seguir, pois o narrador se mistura com os personagens, bem como o tempo da narrativa; colocando-nos, assim, num dilema constante.

Maurice Blanchot, um dos grandes estudiosos do século XXI, afirma que o tempo da escrita “*é sem fim, sem começo. É sem futuro.*” (1987). Na tentativa sempre da busca ou do preenchimento, constata-se, portanto, que Abelaira, na obra em questão, retrata essencialmente a problemática da modernidade: a perda, a falta, a impossibilidade do ser.

(...) Mesmo assim, teria de correr, e para quê tanta pressa, se está, é natural que esteja, a gozar alguns dias de descanso? Mas ele por que corre? Ah, se a desconhecida fosse a Cecília, embora não possa ser (a desconhecida parece mais velha, mais “senhora”). A esperança dum realidade menos real e capaz de ir ao encontro do desejo das pessoas, mesmo à custa da verossimilhança! Noutro ambiente, longe dos amigos, talvez a Cecília seja outra ou, embora a mesma, explicasse porque se comportou daquela maneira, que pretendeu ao proceder assim. (1996, p.14)

Comprova-se, aqui, o interesse do narrador em se mostrar encoberto por máscaras, num jogo de gato e de rato, e, o leitor, por meio da leitura, como que inesperadamente, entra no jogo, pois o que quer tentar é desvendar o enigma que lhe foi posto.

Durante todo o romance, somos levados a participar de uma trama de opostos: o positivo e o negativo, certezas e incertezas de um homem em dúvida entre o real e o imaginário. Artimanha do narrador, pois, na tentativa do duplo fingimento, vai construindo e desconstruindo imagens, repetindo histórias, enfim, vai nos mostrando que é impossível expressar a vida.

O que podemos fazer, como seres humanos? Simplesmente expressar o vazio e a morte.

(...) Mas não foi com uma Vespa ou uma Lambretta, foi com uma moto, que o Fernando teve o desastre – e aquilo que prende às longínquas origens da vida desligou-me do futuro, deixou-me sozinho, vazio, diante do universo. Agora, ele (ele, o Jerônimo) ali à varanda trinta anos depois, a gozar o Sol, os olhos no mar (“la mer, toujours recommencé”). (...) Telefonar à Marta (esqueci-me de pagar o telefone, o aviso ficou em cima do frigorífico). (1996, p.11)

A narração torna-se, então, numa rede intrincada pela mescla de vozes que institui o sentido irônico do disfarce. E na teia romanesca, o narrador (ou os narradores?) nos envolve(m) como a nos querer dizer que escrever é teatralizar, é representar.

(...) Dois espectadores. Um do outro, como se não fossem nem um nem outro e, por isso mesmo, caindo nos braços um do outro, embora como espectadores. Traídos pelo jogo (o jogo do amor e do acaso). Deixando de ser espectadores. (1996, p. 49)

Vejamos o que Maurice Blanchot (1987) nos afirma em *A Solidão Essencial* sobre o vazio, o duplo da representação, na qual podemos dizer que o filósofo tenta estabelecer uma interlocução com o narrador, mesmo que não intencionalmente.

(...) O presente morto é a impossibilidade de realizar uma presença, impossibilidade que está presente, que está aí como o que duplica todo e qualquer presente, a sombra do presente, que este contém e dissimula em si. Quando estou só, eu não estou só mas, nesse presente, já volto a mim sob a forma de Alguém. Alguém está aí, onde eu estou só. (1987, p. 21)

Nessa tentativa de interlocução, o que se percebe que essa teatralização à que refere Blanchot nada mais é a representação do ser humano fluido do momento contemporâneo, cuja proposta está posta na narrativa de Abelaira.

O narrador (ou narradores?) está(ao) sempre a nos dar pistas. Sutil e subitamente nos vemos em armadilhas, que, de início, parecem-nos sem solução. Tudo isso faz parte de sua estratégia de narrador nesse jogo de enganos.

Prosseguindo a leitura do romance, observamos que constantemente o narrador aponta para a teatralização, para o despiste, para a “brincadeira”, permitindo a conclusão de que o narrador também é um componente, uma peça do jogo, na trapaça da arte.

(...) De novo, o Jerónimo hesita: estará ela a sentir ou representa uma comédia? As palavras permitem todas as combinações autorizadas pela gramática, mesmo se não querem dizer nada. Continua, pondo alguma água na fervura, mas jogando com tais combinações. (1996, p. 121)

Aponta, assim, a sua intencional ironia, seu contínuo interesse em nos confundir: seja pela linguagem, seja pelas várias vozes narrativas, seja pela “mescla” de personagens. Com isso, o narrador vai, de maneira lúdica, “brincando” com o leitor; ao mesmo tempo, de modo subliminar, vai nos dando a impressão de uma certa complexidade ou de um certo “embaralhamento” textual.

Maurice Blanchot, em seu ensaio “A Solidão Essencial”, inserido na obra *O Espaço Literário*, investiga o processo de criação literária, apontando que *escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço.* (BLANCHOT, 1987, p.24)

Abelaira nos confirma essa tese com o romance *Outrora Agora*:

(...) De um lado, a velhice (a maturidade?), a mais ou menos serena expectativa da morte; do outro, a juventude renovada (pouco importa se ilusória), o regresso, através do amor (lugar-comum literário) aos verdes anos. Sim ou não, vale a pena recomeçar, aceitar um último desafio? O último desafio é morrer, conclui, com a falsa ironia do céptico que procura mascarar-se no palco da intimidade. Tristão e Isolda, amor e morte. Literatura. Mas não sou eu, em grande parte, aquilo que a literatura fez de mim? (1996, p.32)

Considerando a afirmação de que escrever é vivenciar um espaço sem tempo, não um espaço temporal, mas um espaço em que percebemos a imagem, o imaginário, ou seja, a ausência de tempo, período em aberto.. Tempo que se faz presente, sem passado nem futuro; o que nos leva a pensar que a obra literária não pode ser, ela é. Percebe-se, portanto, um diálogo entre Abelaira e Blanchot.

Na obra em análise, o romancista português põe em questão as perdas, os impulsos, os desejos não realizados, a tentativa, sempre frustrada, do preenchimento do vazio, sempre irremediável.

Pergunta: quantos arqueólogos marítimos, ao pegar nas cadeias que prenderam os tornozelos reais dos homens reais, terão soltado uma lágrima (passe a lamechice) pelos mortais instantes do naufrágio, a inútil tentativa dos escravos para se libertarem? A descida às profundezas de Posêidon, pior, a descida aos infernos. Os ferros, embora corroídos pela ferrugem, continuam a resistir (acabarão nos museus, com muitos japoneses a tirar fotografias), mas eles, os homens reais, não deixaram vestígios, são hoje, afinal, puras deduções, nem sequer restam ossos. Onde há correntes de ferro, houve homens. (1996, p.10)

No trecho destacado, notamos a ideia do vazio, do nada, da falta, da incompletude, da busca constante, da ausência. Mas, apesar dos vazios, resta a obra literária, o que torna presente a possibilidade de construção do imponderável.

Dando seqüência à leitura e à análise de *Outrora Agora*, observamos que o narrador vai nos apresentando seus personagens. Esta apresentação vai sendo sutilmente descortinada, inserindo o leitor de tal forma na trama, que, repentinamente, podemos nos sentir imbricados na teia “fabricada” por ele.

Os integrantes do jogo vão nos demonstrando uma certa “impotência”, sem resolver as questões que lhes são postas vendo-se num emaranhado cada vez mais labiríntico onde as possibilidades de encontro são bastante remotas.

Segundo Blanchot, no já referido ensaio, “*a obra de arte, a obra literária – não é acabada nem inacabada: ela é.*” Quanto mais o escritor deseja ver a obra acabada, mais ele percebe o interminável, o infinito da obra. Cabe ao escritor dar-lhe voz, fazê-la falar. Ao leitor, o caráter ilusório, utópico da “solidão essencial”.

Vejam os que Abelaira nos aponta sobre esse comportamento:

(...) Veio para o Algarve com o intuito (pelo menos teórico) de pôr ponto final na tradução -, e tem de acabá-la rapidamente (os primeiros capítulos, já impressos, esperam pelos restantes). Tempo é dinheiro e a editora, de que é sócio, não vai lá grande coisa. Mas o destino (seja qual for o destino) não estará à espera dele ao dobrar da esquina? (1996, p.20)

(...) Com a consciência de perder absurdamente a vida. Escrevendo a cena em que a Beatriz abraça o Xavier, pois escrever aproxima as coisas da realidade, torna-as reais. (Rasgando a página depois, sem saber porquê (ou por contraditoriamente recear a que escrita force a realidade – mas não foi por isso que escreveu?) (1996, p.183)

Abelaira busca trazer o leitor para a participação na escrita da obra. Considera-o um dos participantes desse jogo dialógico. Contudo, haverá sempre, tanto do lado do escritor como do leitor a imposição do vazio, da fenda, do irremediável, do fingimento de que eles realizam uma verdadeira façanha: o escrever e a consequente leitura da obra.

(...) A frase da semana. A frase do mês. Do século. Do milênio. Digna, só por si, do prémio Nobel. Se há uma razão para nunca desejar ser escritor, ei-la: adquirido esse estatuto, os escritores dão-se ao luxo de dizer os piores disparates com o ar de quem diz verdades dignas do mármore meu?) (1996, p.155)

No já citado ensaio, “A solidão essencial”, Blanchot afirma: “A lembrança é a liberdade do passado. Mas o que é sem presente tampouco aceita o presente de uma lembrança. A chamada lembrança de um acontecimento: isso foi uma vez e agora nunca mais.” (1987, p. 21)

O escritor português confirma:

De longe (sim, não tens sessenta anos, a idade não passou por ti), vê-a caminhar na direcção dos dois Fiats, entrar no primeiro. A desconhecida? A hipótese tem pouca verossimilhança, embora o Jerônimo procure ajustá-la aos factos: a saia, que do alto do sétimo andar lhe pareceu branca, seria bege, o saco de plástico tê-lo-á deixado na recepção do hotel (destinar-se-ia a alguém), regressando depois ao automóvel para recolher o cesto. Mesmo se o tempo não deu para tanto. O tempo que não passou por ti. (1996, p.31)

Ao final da leitura, tal como o narrador, o leitor sente uma certa estranheza, um vazio, uma dúvida entre o factual e o inverossímil. Seria a narrativa um sonho vivido por Jerônimo, o imaginário da obra ou teria o personagem vivenciado verdadeiramente a experiência amorosa com Cristina ou Marta, ou Filomena? Ou com todas elas?

(...) E aqui vou eu à procura da Cristina, Joanhinha a boa, a caminho de Lisboa. Aqui vou eu, aqui vou eu, a caminho de Viseu. Ela estará

à minha espera, terá adivinhado o meu regresso. Sentada no jardim ou encostada à oliveira (a lagartixa – a mesma, ou a mesma não existe, é sempre outra? – espreita debaixo duma pedra). E de súbito, vê-me, corre direita a mim, beija-me. Logo após, espanta-se consigo própria, fica envergonhada, mas vence a vergonha, abraça-se-me com força. Não, a filha teria chegado. Ou estava lá o jardineiro. Um simples: “Supunha-o em Lisboa.”. (1996, p.277)

Partindo da ideia de que a obra é a tentativa de preenchimento do nada, do vazio, poderíamos chegar a uma conclusão plausível a partir das referências de Maurice Blanchot que “aquele que escreve o livro, escreve-o por desejo, por ignorância do centro que o atrai”.

E poderíamos acrescentar ainda que: “O sentimento de o ter tocado pode nada mais ser do que a ilusão de o ter atingido; (...). (...) Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime.” (1987, p. 17)

Sendo assim, a possível interlocução entre Blanchot e Abelaira, ao analisar as obras em questão, poder-se-íamos afirmar que escrever é uma tentativa, cujo fascínio se torna uma ameaça, é correr o risco da ausência na busca da presença, é iniciar o eterno recomeço, é sentir a presença na solidão, é a perceber a desnudez que tenta permanecer encoberta, é a procura pelo irremediável preenchimento da lacuna existente na vida humana.

Referências:

ABELAIRA, Augusto. **Outrora Agora**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BLANCHOT, Maurice. Solidão Essencial. In: **Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Abstract: This article tries to address, from an analysis, though brief, of a possible dialogue between the works *Espaço Literário*, the theorist Maurice Blanchot and a fictional narrative *Outrora Agora*, the portuguese writer Augusto Abelaira. Both try by the light of literary theory and the fictional narrative itself, evidence the contemporary man, who seeks tirelessly in “Solidão Essencial” the *Outrora Agora*. Through this possible dialogue, we tried to understand how the two authors, though in different spaces, managed to capture, with the efficiency of language, the fluid, the incomplete, hopelessly devoid of identity and subjugated human being, envolved by the liquidly postmodernity human life.

Key-words: subject, contemporary, dialogue

*Adriene Costa de Oliveira Coimbra

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9285712362400986>